

TRANSFORMAÇÕES NO DOUTORADO E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO UMA QUESTÃO SUPRANACIONAL

CHANGES IN DOCTORAL PROGRAMS AND THE IMPLICATIONS FOR THE
SUPERVISION PROCESS: A SUPRANATIONAL ISSUE

TRANSFORMACIONES EN EL DOCTORADO E IMPLICACIONES EN EL PROCESO DE
ORIENTACIÓN: UNA CUESTIÓN SUPRANACIONAL



Luana Aversa

Graduada em Gestão Ambiental pela USP e graduanda de Pedagogia pela UFSC. Bolsista PIBIC | Brasil
E-mail: luanaaversa@gmail.com

Lucídio Bianchetti

Professor no PPGE/UFSC. Pesquisador 1B do CNPq | Brasil
E-mail: lucidio.bianchetti@pq.cnpq.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: AVERSA, L. BIANCHETTI, L. Transformações no doutorado e implicações no processo de orientação: uma questão supranacional. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.33, p. 325-333 jul./dez. 2014.



Resenha da Obra: THOMSON, Pat; WALKER, Melanie (Orgs). **The Routledge Doctoral Supervisor's Companion. Supporting effective research in Education and Social Sciences**. Oxon, UK: Routledge, 2010.

1 Em tradução livre podemos dizer que este primeiro volume se intitularia: Um Companheiro para Estudantes na Jornada do Doutorado: Dominando a Pesquisa em Educação e Ciências Sociais.

Melanie Walker e Pat Thomson co-organizaram e publicaram, em 2010, uma série composta, até o momento, por dois volumes. Por meio de ambos propõem-se a cobrir o universo de desafios e possibilidades que perpassam os cursos de doutorado, tanto para estudantes como para orientadores. O primeiro volume recebe o título *The Routledge doctoral students companion: Getting to grips with research in education and the social sciences*¹; e o Segundo, como já dito, *The Routledge Doctoral Supervisor's Companion: Supporting effective research in Education and Social Sciences*. Esta resenha refere-se a este segundo volume. Os dois livros foram escritos em língua inglesa e possuem aspectos em comum e outros complementares. Por meio deles, as editoras/organizadoras e coautores/as procuram explorar o universo do doutorado nas áreas da Educação e Ciências Sociais. Focalizam textos de autores oriundos, particularmente, da tríade Reino Unido, Estados Unidos e Austrália, mas também contam com artigos da Europa Continental e África do Sul. A preocupação das organizadoras foi a de formar uma coletânea de coautorias que contemple a categoria da internacionalização e de uma série de questões que afetam a pós-graduação, particularmente o doutorado, na diversidade desses países e continentes.

Em relação às editoras/organizadoras, Melanie Walker realizou seu doutorado na Universidade do Cabo, África do Sul. Posteriormente ingressou como professora na Universidade de Nottingham, Reino Unido, onde também exerceu a função de diretora do Programa de Pós-Graduação e de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais. Atualmente é Diretora de Capacitação e Pesquisa e mantém sua ligação com a Universidade de Nottingham como professora honorária. Suas pesquisas exploram as questões normativas da educação superior e seu potencial para contribuir com uma sociedade mais justa no âmbito das políticas públicas.

Pat Thomson, por sua vez, é professora na Faculdade de Educação da Universidade de Nottingham e editora do *Educational Action Research Journal*. Também já exerceu o cargo de reitora dessa instituição. Sua pesquisa está centrada, principalmente, em encontrar meios para que as escolas possam tornar-se mais atraentes e significativas para crianças e jovens. Além disso, também faz investigações a respeito da escrita no doutorado e já produziu textos sobre uma “pedagogia da orientação” na pós-graduação.

Por meio do volume I ressaltam que, no mundo contemporâneo, é clara a necessidade de estudar para além do nível de mestrado, ou seja, concluir o doutorado. Tal ‘imposição’ coloca-se para uma ampla gama de profissionais em diversas áreas, desde estudantes que pretendem dar continuidade à vida acadêmica, até aqueles que procuram, com o título de doutor, melhores condições

2 Os/as autores/as utilizam o termo *full-time* para referir-se aos estudantes que possuem dedicação exclusiva ao doutorado; e o termo *part-time* para referir-se àqueles que se dedicam a alguma profissão para além de seu curso de doutorado.

de trabalho. No entanto, para muitos estudantes, sejam *full* ou *part-time*², navegar pela literatura e produzir textos com nível de doutoramento pode ser um desafio. À vista disso, o conjunto de coautores/as almejam que o livro seja um ‘companheiro’ dos acadêmicos, explicitando perguntas e soluções que são levantadas e postas na sua jornada doutoral. Entre as questões levantadas encontramos: o significado do doutorado na vida contemporânea; a formação da identidade de um doutor; o como se tornar um pesquisador e as principais habilidades necessárias para tal; e os pré-requisitos para integrar-se a uma comunidade acadêmica. Embora a coletânea não se caracterize por uma unidade temática engessada, em todos os artigos podemos identificar temas recorrentes.

Um desses temas comuns são as transformações recentes que vêm ocorrendo no doutorado e a falta de homogeneidade de seu nível de formação. Consequentemente, não há uma solução única ou ideal para o problema da orientação dos pós-graduandos. Neste sentido, o que os/as autores/as dos capítulos dos dois volumes da coletânea fornecem são recursos para que os envolvidos possam desenvolver suas formas de ação próprias e entender quais são as origens das mudanças e dos desafios atuais. O segundo ponto de destaque é a internacionalização do doutorado e o crescimento exponencial dos doutorados profissionais. Sobre esse assunto encontramos tanto textos mais analíticos, que se dedicam a explorar a natureza e as origens desse fenômeno, como textos mais propositivos que indicam formas de lidar com as modificações.

Tratando mais especificamente do volume II, focalizado nesta resenha, este examina o que significa ser um estudante de doutorado, tanto na área educacional como nas Ciências Sociais, explorando, sobretudo, o papel do orientador. Identifica as principais funções e desafios pedagógicos que envolvem esse pesquisador/professor, e como ele pode contribuir no desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional de seus alunos. Por meio dos 24 capítulos que compõem este Volume, são abordadas desde questões históricas e metodológicas importantes para o debate, até as diferenças entre a condição dos estudantes *full* e *part-time* que podem influenciar na jornada acadêmica destes e trazer repercussões para o processo de orientação. A intenção última sempre volta-se à tentativa de criar uma ‘pedagogia da orientação’ para o doutorado.

Portanto, por meio do Volume II desta série, de forma geral, os/as coautores/as propõem-se a identificar algumas das mudanças recentes ocorridas no doutorado e indicam formas de trabalhar com elas. Os/as autores/as deixam claro seu interesse em reformular a orientação, como uma pedagogia, como uma didática, apreendida no processo, bem como sistematizada e passível de ser ensinada/aprendida. Apontam que vivemos em tempos

de ‘orientação administrada’, e por essa razão, devemos enfrentar diversos processos de vigilância e de avaliação no decorrer da pesquisa, em particular e do doutorado em geral. Por esse motivo, em período mais recente, talvez mais do que nunca, o que acontece entre orientadores e orientandos é fortemente moldado por convenções institucionais e disciplinares, políticas educacionais, induções e injunções do mercado, bem como tradições universitárias. Mesmo assim, os/as coautores/as são categóricos/as em afirmar que ainda há pouquíssimas discussões públicas e acadêmicas a respeito do tema da orientação. Por conseguinte, propõem abrir o diálogo a respeito do que significa a orientação, tirando-a do ambiente privado e secreto a qual estava condicionada em tempos passados e, até presentes, embora cada vez menos, uma vez que os prazos reduzidos e as exigências em relação à avaliação dos envolvidos com a pós-graduação obrigam a tornar pública uma atividade que não o era.

É sob essa premissa que consideramos relevante fazer a leitura e a resenha deste livro. Convergimos nossos posicionamentos dos/as coautores/as quanto à invisibilidade da orientação ainda nos dias atuais. Trazer essa questão ‘à luz’ significa compreender as mudanças pelas quais vêm passando os programas de pós-graduação, contextualizá-las e assim, propor *práxis* mais adequadas aos momentos atuais, se fazer concessões à qualidade dos processos e resultados dos trabalhos neste âmbito.

Pela leitura dos artigos que compõem este volume, duas grandes tendências podem ser identificadas. A diversificação dos estudantes, ou seja, eles deixaram de ser exclusivamente *full-time* e originários do local onde realizam seu curso e passaram a ser também *part-time* e a se espalhar por diversos centros de ensino ao redor do mundo, obrigando as universidades e os orientadores a lidar com esses ‘novos’ estudantes. A segunda tendência seria a mudança na própria natureza da pós-graduação, ou seja, o ambiente do doutorado é outro, as razões de procurá-lo alteraram-se e diversificaram-se e os interessados na produção (e utilização!) do conhecimento deixaram de ser apenas a universidade e o estudante. Em outras palavras, o *slogan* da ‘economia do conhecimento’ circula pelos quatro cantos do mundo, e os alvos de governos e empresas são, justamente, os ‘produtores’ desse conhecimento.

Tais transformações na educação superior, apontadas neste volume, comprovam a grande influência que o Processo de Bolonha tem exercido nas Universidades europeias, com repercussões também nas norte-americanas, australianas e sul-africanas e de outros tantos países. Os organismos multilaterais e o sistema vigente parecem oferecer agendas estruturadas para cada vez mais países, numa tentativa de globalizar a pós-graduação, de impor moldes de ‘fora para dentro’, aqui especificamente no que diz respeito aos

programas de doutorado. Juntamente com esse processo, observamos a tentativa de *empresariar* a universidade e de tornar a educação mais uma *commodity*, disseminando doutorados profissionalizantes e atraindo cada vez mais estudantes *part-time* que buscam este nível de formação para melhorar seu poder de barganha no mercado de trabalho. A relação empresa-universidade, assim, permanece cada vez mais estreita e, conseqüentemente, a produção de conhecimento torna-se cada vez mais ditada pelas necessidades do sistema vigente. Dessa forma, a universidade autônoma e livre vai ficando cada vez mais no campo da utopia. Além disso, como os artigos tornam explícito, as universidades não apenas estão aceitando esses novos estudantes e programas de doutorados profissionais, como estes são os alvos mais visados de suas políticas.

Ademais, cada artigo, além de explicitar as metamorfoses nos programas de doutorado, também evidencia a relação delicada entre estudantes e orientadores, uma vez que ela envolve, ao mesmo tempo, questões profissionais e pessoais. Grande parte dos autores destaca o papel essencial do orientador no desenvolvimento das habilidades, da autonomia e da autoconfiança de seus estudantes, apontando que essa responsabilidade ainda não é plenamente assumida durante os cursos. Os motivos para essa deficiência são diversos, e é a partir de sua identificação e exploração que as ações devem ser planejadas. Dessa forma, tanto aqueles que julgam as mudanças como inevitáveis, e até mesmo necessárias, ou aqueles que indicam cautela e apontam críticas às novas induções, acreditam que elas precisam ser estudadas e melhor compreendidas, abrindo caminho para outras condutas, onde todos saiam ganhando.

Ao 'dar voz' aos estudantes que, na opinião de muitos dos/as articulistas, ainda permanecem à margem dos programas das grandes universidades, quais sejam, os *part-time*, os estrangeiros e aqueles dos doutorados profissionais, por meio dos textos procura-se evidenciar que aquilo que significa 'fazer orientação' para os acadêmicos vai se alterar de acordo com uma variedade de fatores, incluindo: a concepção que eles têm a respeito do que é a pós-graduação e qual sua utilidade; a área de conhecimento; o estilo do orientador e o quão flexível e empático ele é; questões pedagógicas; entendimentos a respeito da cultura institucional e políticas mais amplas; o contexto da universidade e o currículo formal e informal. Assim sendo, não há uma forma de orientar: existem maneiras de compreender e se adequar às necessidades de cada doutorando.

Os estudantes de doutorado *part-time* são vistos como extremamente positivos para essa 'nova universidade' na maioria dos artigos, uma vez que já estão incluídos no mercado de trabalho, tendo muito a contribuir com os

programas devido às suas experiências e conexões com a comunidade fora da academia. Portanto, considerando a pressão sofrida pelas universidades, atualmente, para produzir ‘conhecimento aplicável’, reconhecer esses universitários como relevantes e aprender a trabalhar com a sua diversidade (tanto administrativa quanto pedagogicamente) contribui para atingir tal meta. Assume-se que, atender a essa parcela de estudantes é uma tarefa muito complexa, mas os orientadores e as universidades, na opinião quase unânime dos/as coautores/as deste Volume da coletânea, devem encará-los como uma diversidade positiva e não como uma dificuldade ou um risco a ser superado, reconhecendo que esses pós-graduandos possuem características específicas que devem ser consideradas.

Os estudantes estrangeiros, por sua vez, têm necessidades diferenciadas, dado que precisam inserir-se em uma ‘nova comunidade’, tanto acadêmica quanto pessoal. Nesse processo, o orientador é concebido como um elo fundamental por sua relação próxima com seu orientando. Nessa medida, sugerem os/as coautores/as, devem estar atentos e preparados para ‘assimilar’ esses novos estudantes. Nesta perspectiva: o que significa aprender, ensinar e conduzir uma pesquisa numa instituição internacional de ensino superior? Defende-se que os orientadores não tenham apenas um bom entendimento sobre essa nova condição de transnacionalidade, mas que possam ajudar, de fato, seus acadêmicos de fora a se constituir, utilizando elementos de sua familiaridade, ou seja, crescendo com a diferença e com a adversidade.

Não só os doutorados internacionais estão em crescimento acelerado, como esta etapa de ensino já não é mais o trabalho (único) de uma vida para muitos. Estudantes ingressam no doutorado com as mais diversas expectativas e as mais diversas experiências, sendo esse curso, muitas vezes, apenas mais um na sua jornada profissional. Assim, crescem os doutorados profissionais e, para conseguir suprir os recursos e manter alguns cursos gratuitos e de melhor qualidade, muitas universidades acabam apelando para cursos de pós-graduação pagos. Esses cursos, por sua vez, são procurados, principalmente, por estudantes *part-time* e estrangeiros. Por conseguinte, a indicação apresentada em muitos artigos deste Volume II é de que não se deve mais olhar como a vida do estudante se ajusta ao doutorado e sim como o doutorado se ajusta à vida do estudante e, a partir daí, planejar novas estratégias de ação.

Tendo em vista essa nova realidade, o propósito de qualquer programa de preparação de orientadores é criar um espaço onde estes sejam capazes de quebrar o paradigma de um processo pedagógico de orientação privado e fechado a discussões, críticas e novas

experiências. Não há mais como considerar a orientação como algo uniforme e uma capacidade ‘natural’ daqueles que se formam doutores. Não é por ter sido orientado que *ipso facto* alguém está preparado para ser orientador. É importante, para o aperfeiçoamento dos processos de orientação, programas de desenvolvimento educacional dos orientadores que tomem a orientação como uma pedagogia que pode ser melhorada, ensinada e aprendida. Este é o objetivo principal do/as coautores/as com este Volume da coletânea. Para isso, são apresentadas estratégias pedagógicas que podem ser usadas em programas de formação de orientadores, tomando essa atividade como interdisciplinar e complexa. A aposta é que os textos possam, ao menos, provocar discussões nas universidades sobre o processo de orientação e em como orientadores e estudantes podem ampliar seu entendimento sobre essa ‘pedagogia’. Concluem as editoras/organizadoras que, “tradicionalmente realizada a portas fechadas, em espaços distantes do ensino de graduação, a intensidade das relações interpessoais na pós-graduação é presumida, mas não questionada” (Mc William e Palmer, *apud* Walker e Thomson, 2010, p. 88).

Alguns dos textos deste Volume II da coletânea destoam um pouco do conjunto ao expressar críticas com relação aos novos parâmetros que vêm regendo a pós-graduação internacionalmente. Neles, expõe-se a responsabilidade social dos orientadores enquanto mediadores de propulsão dos alunos, visando aplicar o conhecimento para o bem público e não para servir a interesses particulares. Melanie Walker (2010) em seu artigo *Doctoral education as ‘capability’ formation* defende que a educação obriga a definir posições políticas, éticas e morais, que vão definir qual sociedade e qual indivíduo se quer qualificar. Por essa razão, considera necessária a formação de capacidades humanas e morais, além das instrumentais nos cursos, possibilitando aos doutorandos desenvolver a habilidade de aplicar o conhecimento produzido na melhoria da qualidade de vida das pessoas e da sociedade como um todo.

Nessa perspectiva, a educação superior e seus responsáveis deveriam ser desafiados a tornar seus alunos ‘inteiramente humanos’. Isso significa ser: autoconscientes, autogovernados e capazes de reconhecer e respeitar a humanidade de todos os seres humanos não importando etnia, origem, classe, gênero, religião, etc. Conforme suas palavras: “*A rich doctoral education cannot then be one that focuses only on human capital and the ‘usefulness’ of human beings to the exclusion of valuable non-economic ends and more expansive understandings of what is valuable in human lives and for human flourishing*”³ (Walker e Thompson, 2010, p. 35). Assume-se que, como doutores, os alunos ganham individualmente, mas também são portadores de um bem e de responsabilidades públicas.

3 Esta frase pode ser assim traduzida: “Um curso de doutorado rico não pode ser aquele que foque apenas no capital humano e em seus aspectos utilitários, excluindo as dimensões não-econômicas e as compreensões mais amplas sobre o que é realmente válido para a vida humana e seu florescimento”.

Com isso, precisariam aprimorar seu espírito crítico e internalizar valores democráticos.

No capítulo 18 coloca-se a pergunta: o que representa o doutorado na totalidade da educação superior? E a tese da autora Terri Seddon é de que, embora muitas mudanças rondem esse campo, a chave do sucesso ainda é a contribuição original e qualificada ao conhecimento. Assim, o ‘grande prêmio’ de uma pós-graduação ainda é uma tese substancial que traga uma contribuição original para determinado campo de conhecimento, mesmo com todas as transformações ocorridas desde a década de 1990, provocadas por mudanças nas políticas educacionais. Não podemos discutir nem desprezar o fato de que o modelo dos doutorados começou a mudar e que outras instâncias paralelas à academia transitam livremente pelos programas, exercendo grande influência nestes. E é justamente pelo crescimento exponencial dos doutorados profissionais que os questionamentos sobre o desempenho requerido pelos estudantes de doutorado para conseguir receber seu título ganham ainda mais relevância.

Ao trabalhar com esses dilemas, esta coletânea indica-nos que os doutorados profissionais, cada vez mais, vêm ditando as regras ou sendo os modelos de cursos nas universidades. Com isso, os propósitos dos programas estão sendo modificados para adequar-se às mudanças no campo profissional e aos novos interesses políticos. Desse modo, o doutorado tem sido realocado para espaços de aprendizado que se situam na interface entre: acadêmicos, profissionais e conhecimentos para o mercado de trabalho e esses são espaços expostos, onde as práticas de pesquisa do setor público tradicional e a ética se desgastaram.

Convergem os/as coautores/as no sentido de que, concordando ou não com as reformas, o doutorado ainda deveria ser o espaço-tempo em que os estudantes desenvolvem sua identidade, responsabilidade acadêmica e a cidadania, entre outros aspectos da sua formação. Portanto, necessitariam estar mergulhados em práticas éticas. O desafio para aqueles que estão envolvidos nos programas, portanto, é dar suporte e ensinar os alunos a desenvolver suas capacidades de pesquisa de maneira socialmente responsável, reconhecendo que o conhecimento é também uma forma de poder. Compreender o que significa estar inserido numa época chamada por muitos de ‘sociedade do conhecimento’ implica compromisso público com esse bem, utilizando-o para auxiliar a vida cotidiana do conjunto da população em toda sua complexidade, mobilidade e diversidade.

Para concluir, consideramos de suma importância que esta obra seja conhecida, lida e discutida no Brasil. Algumas das temáticas abordadas sequer compõem o leque de nossas preocupações em relação à pós-graduação. Outras, porém, não somente se insinuam no cotidiano dos

nossos Programas de Pós-graduação, como fazem parte do conjunto das preocupações de todos os envolvidos neste nível de formação. A questão da internacionalização da pós-graduação; os pós-graduandos com dedicação exclusiva e aqueles com outras preocupações profissionais (*full* e *part-time*); a relação universidade-mercado, entre outros, são aspectos ou temáticas presentes em nossas pesquisas e discussões. Porém, a obra resenhada, por apresentar situações de países mais desenvolvidos, traria contributos para ampliar a compreensão do que estamos fazendo e do que nos espera.

Por fim, consideramos urgente que se discuta, entre outros aspectos, uma das teses centrais da obra que é a concepção de uma pedagogia ou didática da orientação. Isto é, que se faça deste assunto 'objeto' de investigações, bem com, à luz do exemplo internacional, pense-se nela como uma *práxis* que pode e precisa ser ensinada e aprendida.